

Asa Norte: o lado sujo da Capital do Poder

Isabel de Paula

Mato, entulhos e lixo fazem a paisagem da Asa Norte, prima pobre da Asa Sul, que até hoje ninguém conseguiu explicar o seu quase total abandono. A diferença entre as duas asas é notada, rapidamente, por qualquer observador. Os terrenos baldios, a maioria de órgãos públicos, são considerados como o principal fator de subdesenvolvimento. A Secretaria de Viação e Obras concorda com isso e, anuncia que o GDF está

tentando obter a liberação para vendê-los. O déficit habitacional do Distrito Federal — 100 mil moradias —, e o preço exorbitante dos aluguéis, fazem crescer o número de invasões. O local escolhido é quase sempre a Asa Norte. O abandono das passagens subterrâneas do Eixão é, também, um incentivo aos migrantes que vieram para a "Capital da Esperança". Lá eles se instalam e ficam esperando apenas a hora do despejo que viria com as anunciadas reformas.

Quem cruza o Plano-Piloto de Brasília, pode observar a nítida diferença entre a Asa Sul, mais urbanizada e limpa e a Asa Norte, tomada de invasões e extensos terrenos baldios, onde cresce o mato e são lançados lixos e entulhos. Apesar de mais jovem, a Asa Norte não conta com um melhor planejamento urbanístico, sem terem sido considerados os erros cometidos na Asa Sul. Os moradores reclamam da falta de urbanização, segurança e do rigor do governo em preservar o gabarito das construções.

O maior problema da Asa Norte, segundo seus moradores, é o grande número de terrenos desocupados. Estas áreas, na sua maioria, pertencem a órgãos públicos, que não mostram nenhum interesse em vendê-los para fortalecer a especulação imobiliária. Para Elias Mota, prefeito da 203 Norte, esta atitude está impedindo o desenvolvimento urbano da Asa Norte. «Caso os órgãos vendessem os terrenos, haveria o aumento de empregos, principalmente, para a mão-de-obra não especializada da construção civil», argumenta ele.

O secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães também considera este o problema mais grave enfrentado pela Asa Norte. Segundo ele, o GDF «está batalhando para conseguir as vendas dos terrenos, porque isso além de aumentar os empregos, melhorará a oferta de imóveis, diminuindo, inclusive os altos preços dos aluguéis».

Para os moradores das áreas próximas a estes terrenos baldios, a higiene e segurança da população estão seriamente afetadas. Como se não bastasse a quantidade de lixo atirados na área, o mato ainda cresce rapidamente, sobretudo na época das chuvas. Muitas pessoas são assaltadas e agredidas, denuncia um dos moradores, que ressalta ainda a falta de iluminação nestes locais.

Asa Norte em desvantagem
«A Asa Norte é a prima pobre da Asa Sul», disse Mário Sérgio Ramos, prefeito da 106 Norte, se referindo às inúmeras vantagens que a Asa Sul tem em comparação com a Norte. Segundo ele, as tesourinhas e passagens subterrâneas da Asa Norte, de extrema necessidade à população, agora que começaram a ser construídas e reparadas. Ele ressalta ainda que em muitas quadras da Asa Sul existem as quadras desportivas, uma ambição dos moradores da Asa Norte.

A criação dos Centros de Unidade de Vizinhança, já existen-

te na Asa Sul, também se constitui numa das reivindicações dos moradores da Asa Norte. Eles querem ainda a liberação do gabarito, como foi feito na Asa Sul, para a construção de casas de dois pavimentos. «O governo precisa rever o gabarito, pois há falta de boa vontade de sua parte, uma vez que somente a Asa Sul tem este privilégio. Dentro de determinados limites a permissão para a construção de dois andares não desfiguraria a cidade», diz Elias Mota.

A recente implantação do sistema binário no trânsito da W/4 e W/5 Sul também é apontada pelos moradores como uma necessidade urgente da Asa Norte. De acordo com Maria Luíza Nóbrega, residente na 707 Norte, o grande fluxo de carros, principalmente no horário do rush tem causado muita confusão. «A W/4 e W/5 Norte também precisam do sistema de mão única, sobretudo nas áreas próximas das escolas», lembra a moradora.

Urbanização

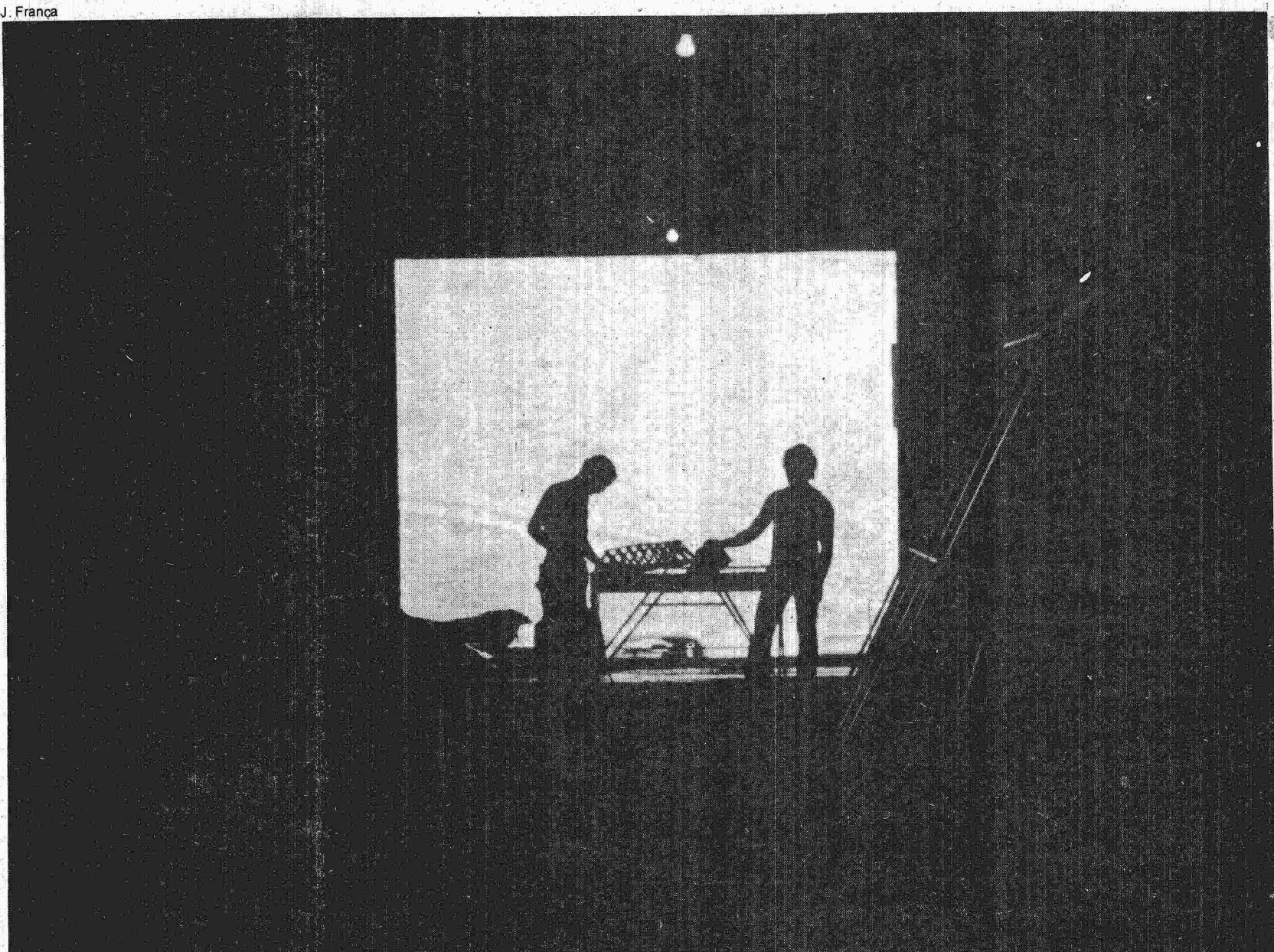
A necessidade de maior urbanização de ruas e calçadas da Asa Norte é facilmente constatada com um passeio pela área de oficinas, que se localizam nas quadras 700. Por um lado, os moradores reclamam da poeira que os carros testados fazem nas quadras. De acordo com Dalmo Silveira, secretário de Viação e Obras da Associação dos Moradores das Quadras 700, Asmor, as oficinas fazem muita sujeira próximo às casas, além de testarem os veículos em grande velocidade. Por outro lado, os donos e funcionários de oficinas reclamam da falta de urbanização.

Elson de Oliveira, dono da Autoreformagem Menezes, na 703 Norte disse que o GDF deveria dar mais apoio às microempresas da Asa Norte. «Nós precisamos de asfalto nestas ruas, pois muitos fregueses deixam de procurar as oficinas mais simples para não colocar seus carros em meio à terra e lama», afirmou Elson. Segundo ele, as pequenas oficinas da Asa Norte, que muitas vezes fazem um serviço melhor que as autorizadas, ficam relegadas em função do mal aspecto e do difícil acesso.

O dono da oficina, por conta própria, cimentou a frente da oficina, única maneira de tapar os buracos e diminuir a poeira. Walber do Carmo, dono da Mecânica F.S. Gouveia do Carmo fez uma verdadeira urbanização na área em frente a sua oficina. Toda a terra foi coberta de cascalho e no fundo, onde existia um imenso matagal foi feito um piso cimentado que tapou os imensos buracos do solo.



O matagal toma conta das placas indicativas de endereços



O abandono é tanto que a foto mostra a visão que se tem do interior para fora do SDN, onde deveria ser uma rua

Déficit habitacional provoca novas invasões

Com um déficit habitacional de 100.000 moradias e os preços exorbitantes dos aluguéis, o Distrito Federal só vê crescer o número de invasões, uma alternativa para aqueles que não têm fácil acesso à casa própria. A Asa Norte, considerada uma área nobre não está isenta deste problema, pelo contrário, abriga um grande número de invasões, com famílias em extrema pobreza. O principal fator que transformou a Asa Norte num alvo fácil para as favelas são suas imensas áreas desabitadas, onde se localizam os terrenos de órgãos públicos, que não vendem nem constroem.

Em quase todas as áreas desocupadas da Asa Norte existem os barracos de madeira, que já estão se tornando parte indissociável de sua arquitetura. Algumas das mais conhecidas invasões são: a Vila Nova e Nova União, próximas do Ceub, Varjão, Xavier, 309/310, 213 e da UnB. Todas elas abrigam um grande contingente populacional, no entanto não contam com nenhum tipo de urbanização ou infraestrutura, como água, luz e esgoto. Além disso, os invasores sofrem muitas vezes o repúdio dos moradores vizinhos — mais bem sucedidos — das superquadras que os acusam dos roubos e assaltos que estão ocorrendo na região.

Enquanto o governo tenta encontrar uma solução para a transferência destas famílias para outros locais, com a intenção de preservar o Plano Original de Brasília, as invasões já se enraizaram nos terrenos livres da Asa Norte. Para os habitantes das invasões — muitos moradores há mais de 20 anos — melhor seria o imediato assentamento de todas as famílias onde se encontram, «uma forma mais prática de se resolver o problema». Esta opinião é endossada, inclusive, por alguns moradores de quadras locais, que consideram o projeto original já totalmente desfigurado.

Invasão do Ceub

Numa grande extensão da Asa Norte, entre as quadras 908 e 916, vivem cerca de 800 famílias numa das invasões mais antigas e conhecidas do Plano Piloto, a Invasão do CEUB. Ela convive diariamente com sérios problemas de falta de saneamento básico, infraestrutura e urbanização, sem nenhum apoio do governo por não ser uma área legalizada. A questão de higiene encontra-se comprometida, pois a falta de rede de esgotos tem causado imundície pelas ruas e doenças nas crianças.

Em toda a área da invasão existem apenas quatro chafarizes, com duas torneiras cada, que têm de abastecer toda a população. De acordo com Raimundo João de Souza, presidente da Associação de Moradores da Invasão, a falta de água é o maior problema en-

frentado por eles. Ele conta que as filas para se conseguir água são enormes e permanecem durante toda a noite. «Nos finais de semana, únicos dias de descanso para os trabalhadores, estes se vêm obrigados a recolherem água para que não falte nos demais dias», afirma o presidente da associação.

Raimundo considera a hipótese de construção da rede de resgotos na invasão como um «sonho» difícil de se concretizar. Segundo ele isto é o que mais deseja a população que é obrigada a abrir fossas nos seus quintais. O problema é que nem todas as casas possuem fossas e o esgoto escorre normalmente pelas ruas, onde as crianças brincam livremente. Outra moradora, Neusa Maria de Lima, há 12 anos na invasão, conta que em muitas casas não existe mais espaço para novas fossas, «As velhas estão transbordando e podem estourar a qualquer momento», adverte ela.

A forma encontrada por alguns moradores é a improvisação de uma rede de encanamento de esgotos, de acordo com Neusa, ela e outros vizinhos recolheram canos quebrados e danificados pelas ruas e montaram seu próprio sistema. «Fomos emendando até chegar a uma área próxima de um bananal onde o esgoto se instala», descreve Neusa. Segundo ela, esta rede abrange apenas seis casas, mas se todos tivessem esta consciência, a

deficiência seria minorada. Conforme a moradora, as pessoas e principalmente as crianças da invasão são muito doentes, devido às péssimas condições sanitárias.

Outro grande problema enfrentado pelos invasores é o excesso de lixo jogado pelas ruas. Segundo Neusa, o Serviço de Limpeza Urbana nunca fez o recolhimento do lixo e a própria população é que procede na queimada, para evitar que se transforme em foco de contaminação. Ela conta que agora, durante as chuvas é difícil fazer as queimadas e as moscas tomam conta dos dejetos e alimentos em decomposição. «Não posso nem pensar nas férias, quando meus filhos não saem do hospital», ressalta ela, acrescentando que a passagem de um carro por semana já auxiliaria na limpeza da área.

Assentamento

Apesar de todos estes problemas, o que realmente os moradores, unanimemente, desejam é o assentamento definitivo na área. Conforme Raimundo João, existe um processo em andamento no GDF, com o pedido de assentamento de todas as famílias entre as quadras 908 e 916 norte. «O processo já passou por quase todos os departamentos e encontra-se nas mãos do chefe de gabinete, Guy de Almeida, mas até agora nada foi definido» lamenta Raimundo. Comenta ainda que a

única informação obtida foi a de que qualquer solução só seria apresentada após as eleições de 15 de novembro, o que o deixou um tanto desconfiado.

Segundo o presidente da entidade, os moradores não querem deixar a invasão, devido a maioria trabalhar nas imediações há muito tempo. 90 por cento trabalha como vigia, zelador, doméstica, e motoristas nas quadras próximas. No entender de Raimundo se os moradores forem expulsos da área, terão grandes prejuízos, uma vez que aumentarão os gastos com transporte e alimentação. «Nós queremos um acordo com o governo para o nosso assentamento, mas com a garantia de toda infraestrutura e tudo discutido com a comunidade», sugere o presidente da associação.

O presidente da associação dos moradores informou ainda, indignado, que o GDF tem a intenção de construir na área verde um parque semelhante ao Pithon Farias. Ele considera injusto desabrigarem tantas pessoas, que já estão instaladas em suas casas, para construir um parque. «Existe uma lei que diz que qualquer área verde, por necessidade, pode ser transformada em habitacional», lembra ele. Além disso, completa, a área que abrange a 916 Norte está destinada à construção de um novo cemitério. «E os vivos para onde vão?»



A Asa Norte não escapou ao problema das invasões apesar de ser considerada área nobre

Passagem do eixão Norte, uma opção de moradia

Enquanto a Asa Norte aguarda as anunciadas reformas para a reativação das passagens subterrâneas do Eixão, algumas famílias estão utilizando-as como moradia. A maioria dos moradores são migrantes que vieram para a "Capital da Esperança" pensando encontrar melhores condições de vida. No entanto, a realidade vivida é outra: desemprego, total desassistência e higiene precária.

Este é o caso da passagem de nível da 213 Norte, onde estão vivendo dez pessoas há quase um ano. De acordo com Marinalva de Jesus, uma das moradoras, toda a família veio de Barreiras, na Bahia, na tentativa de conseguir emprego e moradia. «As pessoas disseram pra gente que aqui era fácil, mas até agora ninguém conseguiu nada», lamenta ela. Marinalva conta que o pai chegou a construir um barraco na 914 Norte, mas a Terracap derrubou e, por isso, foram obrigados a ocuparem a passagem subterrânea.

Na improvisada moradia da família vivem seis crianças e quatro adultos, sem as mínimas

condições de higiene. O local é escuro e abafado, onde moscas e baratas passeiam à vontade. Conforme Marinalva, o mato funciona como banheiro e a água é conseguida nas obras próximas. «As vezes, quando encontramos a lixeira dos blocos das quadras abertas, pegamos água das torneiras», conta ela.

Conforme a moradora da passagem, nenhum dos adultos conseguiu trabalho, devido à falta de documentos, que foram perdidos. Apenas o marido e o pai recolhem ferros velhos pelas ruas para venderem, o que se configura na única fonte de renda da família. Segundo Marinalva, todas as roupas e comida que conseguem são doados.

Apesar de estarem morando há mais de um ano num local desproporcionado e extremamente perigoso, Marinalva diz que nunca foram ameaçados de despejo ou auxiliados pelo governo. A única visita que já receberam foi da Fundação de Serviço Social há cerca de três meses. De acordo com os moradores, os assistentes sociais

prometeram moradia e recursos para a família, mas até hoje não voltaram ao local.

Reformas

O abandono das passagens subterrâneas não causa apenas a sua ocupação por invasores, mas também verdadeiras lixeiras, onde se acumulam entulhos, mato e muita lama quando chove. Enquanto na Asa Sul todas as passagens foram reformadas e iluminadas, além de permanecerem mais limpas, as da Asa Norte estão desativadas. Muitas inclusive, não foram sequer construídas.

Os moradores da Asa Norte têm reclamado a imediata reforma das passagens, visando a preservar a segurança dos transeuntes. Segundo João Epaminondas Filho, morador da 215 Norte, muitos atropelamentos têm acontecido no eixão. «Os carros só andam em alta velocidade na pista do eixão e nós não temos outra opção para atravessar a rua, a não ser por cima», reclama o morador da Asa Norte.

Entretanto, a questão da reativação das passagens sub-

terrâneas é bem mais complicada. Para o secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães, apenas as reformas das passagens não são suficientes para a sua utilização. «Na Asa Sul, por exemplo, todas as passagens foram reparadas e encontram-se limpas e iluminadas, porém não resolveu o problema. Os pedestres continuam passando por cima do eixão», observa o secretário. A verdade é que os pedestres temem os constantes assaltos e agressões, devido à falta de um policiamento ostensivo na área.

Mesmo assim, segundo Carlos Magalhães, algumas passagens de nível da Asa Norte serão reformadas. «Está sendo feito um levantamento das passagens mais importantes, que deverão ser reparadas», conforme o secretário. Ele afirma ainda, que a única maneira de forçar o pedestre a utilizar as passagens subterrâneas é construir uma cerca viva em toda a extensão dos canteiros centrais dos eixinhos. Esta proposta da Secretaria de Viação e Obras visa impedir fisicamente que o pedestre atravesse o eixão por cima.